



DITADURA ESTÉTICA: CORPO PERFEITO? | Professor Romulo Bolivar

www.proenem.com.br

INSTRUÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **“DITADURA ESTÉTICA: CORPO PERFEITO?”**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO 1

DITADURA DA ESTÉTICA: A BUSCA PELO CORPO PERFEITO

Yasmim Rosa



Cirurgias plásticas, tratamentos diversos, exercícios físicos em excesso e uma infinidade de cosméticos. Eles prometem ajudar na ‘busca pela perfeição’ e escravizam milhões de mulheres, jovens e adolescentes todos os dias. Quando isso torna-se uma obsessão, o fim pode ser trágico. Até que ponto a busca pelo corpo perfeito é válida? Joana Vilhena, Coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS) da PUC-Rio, acredita que a sociedade atual influencia diretamente nesse comportamento das pessoas.

O caso da dona de casa paulistana de 29 anos que morreu em junho deste ano após ser submetida a uma lipoaspiração em uma clínica de Guarulhos, não é primeiro e não será o último a acontecer. O excesso na busca pela beleza tem se mostrado um vilão para grande parte da população.

O sedutor mercado da beleza atrai, a cada dia, mais pessoas com a promessa de soluções para todo e qualquer deslize da natureza ou castigo do tempo. Além da própria satisfação, elas procuram admiração que, quando acaba, provoca uma nova procura pela reparação de suas características físicas. O processo torna-se um ciclo, uma luta incessante por padrões pré-estabelecidos.

Para a psicóloga Joana Vilhena, autora do livro *O intolerável peso da feiúra. Sobre as mulheres e seus corpos*, publicado pela Editora PUC-Rio, parte da culpa pelos excessos vem da mídia. Segundo ela, a todo tempo são veiculados na televisão, em jornais e revistas estereótipos e corpos perfeitos, que acabam por impor esses modelos à sociedade.

- Esse corpo magro de hoje vem da mídia, de toda a indústria cultural, que determina padrões de comportamento e estéticos – afirma.

A anorexia e a bulimia também fazem parte da lista das doenças que sofrem influência da "beleza imposta". Em ambas as patologias, o desejo de emagrecer e uma visão distorcida do corpo são características comuns.

Na anorexia, o doente perde muito peso, pois se recusa a comer, a manter o peso médio devido a uma distorção que ele tem da própria imagem, ficando abaixo do indicado pelos médicos. As pessoas anoréxicas apresentam um medo enorme de engordar, mesmo estando extremamente magras. A bulimia tem uma característica diferente. Nela, a pessoa não perde peso. Ela come em demasia, e logo depois utiliza métodos como vômitos auto-induzidos, laxantes e diuréticos e pratica exercícios exaustivamente devido ao medo exagerado de engordar. Mas esse não é o único problema; a falta dos nutrientes causa distúrbios fisiológicos, levando à desnutrição, insuficiência renal e a complicações cardíacas.

Para a psicóloga, todo momento histórico tem suas doenças, seus sintomas sociais. Os transtornos alimentares e o horror à gordura seriam um sintoma do momento atual, uma vez que se vive em uma sociedade do espetáculo, em uma cultura de valorização da imagem. A aparência passa a representar a personalidade, o caráter da pessoa e, por isso, a maioria não quer ser excluída.

- Os julgamentos em torno disso são cada vez mais severos. Toleram-se cada vez menos e isso vem acompanhado de uma avaliação moral muito depreciativa àqueles que não cuidam da própria estética. Moralizar a beleza é dizer que quem não cuida do próprio corpo é desleixado, sem caráter – explica.

Com o desenvolvimento de técnicas de emagrecimento e o aumento do número de cirurgias plásticas, o imediatismo se sobrepõe ao sacrifício e às muitas horas de malhação.



- Antigamente, para ser reconhecido, admirado, você tinha que percorrer um longo caminho. Hoje, você tem como contraponto ao sacrifício a ideia do imediatismo. Então, a pessoa quer emagrecer e ser reconhecida logo, sem pagar o preço desse sacrifício – comenta Joana.

Para Sérgio Levy, cirurgião plástico e presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica Regional do Rio de Janeiro, as pessoas recorrem às cirurgias não só para se sentirem satisfeitas com a própria forma física.

- Elas não querem só estar bem consigo mesmas, acham que a cirurgia pode resolver o problema matrimonial, o problema de emprego – afirma.

Ainda segundo ele, a perfeição não é algo que se possa alcançar em uma mesa de cirurgia.

- Quando a pessoa fica procurando muito a perfeição, o resultado nunca é bom porque ela vai ficar insatisfeita sempre. É muito difícil obter o resultado exato que o paciente quer. O perfeito não existe.

Segundo Joana Vilhena, o Brasil está se transformando em um país de gordos, um país que até pouco tempo era de desnutridos. O paradoxo foi confirmado quando, em suas pesquisas, ela observou que a oferta crescente dos tratamentos estéticos está associada à oferta, na mesma proporção, de alimentos que engordam.

De acordo com a psicóloga, a ditadura estética da magreza é um fenômeno social dentro da cultura do culto ao corpo, sendo um dos elementos da sociedade de consumo. Junto às promessas de belas curvas está o lucro da indústria de beleza, que movimentava bilhões ao ano.

- Essa indústria cosmética é a da perfumaria, do culto ao corpo, que inclui cremes, regimes, produtos light, diets, lipoaspirações, academias de ginástica. É uma indústria pesada que investe na sensação que o sujeito tem de poder saciar ou sancionar o mal estar que ele sente quando não está adequado aos padrões sociais.



Ela também ressalta que hoje os produtos cosméticos não são mais considerados supérfluos, e a beleza é apreciada como um artigo de primeira necessidade.

Essa procura desmedida pelo corpo ideal traz outro problema. Para Levy, as pessoas esquecem que um ter uma silhueta invejável não é necessariamente sinônimo de saúde.

- Devemos nos preocupar em encontrar um equilíbrio. Acredito na busca de um bem estar para o corpo como um todo, não esquecendo da saúde mental. Ser sadio não é simplesmente ter um corpo sem doenças, bem torneado e magro, é sim, uma combinação do sentir-se bem consigo mesmo e com aquilo que faz.

■
■
■
■
■
■
■

Não é só na vida pessoal que o corpo perfeito influencia. Empresas estão preferindo contratar pessoas magras para que transmitam uma imagem de rapidez e agilidade aos clientes.

- Quando o sujeito é gordo ele já não é bem visto. Se ele é desleixado com o corpo, será assim também no trabalho – comenta Joana.

Levy acredita que parte das pessoas que tornam a beleza um vício precisam de um acompanhamento médico. Segundo ele, elas colocam a culpa da infelicidade nos possíveis defeitos físicos.

- Elas acreditam que sua incompetência em ser feliz é culpa do nariz, que acham grande; ou da gordura, que acham em excesso. Nesses casos, é recomendável encaminhar a paciente a um terapeuta – conclui.

Acedido em: 13/04/15

http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Texto/Ciencia-e-Tecnologia/Ditadura-da-estetica%3A-a-busca-pelo-corpo-perfeito-4306.html#.VSxUd_nF9cZ

A DITADURA DO PADRÃO BELEZA

Luciellen Souza Lima

Em janeiro, muita gente aproveita o clima quente do verão e as férias, ou pelo menos os fins de semana, para ir à praia ou à piscina. Os corpos ficam mais evidentes. Estrias, celulite, manchas e imperfeições ficam menos escondidas. Poucas são as mulheres que se sentem à vontade só de biquíni na praia. E por que isso acontece?

A indústria da beleza divulga em propagandas diversas um padrão físico simplesmente impossível de alcançar para a maioria das mulheres. Eu falo de mulheres comuns que trabalham usando a inteligência e a capacidade produtiva, cuidam da casa e dos filhos. A indústria vende um corpo ideal, lisinho, sem marcas, sem gordurinhas. E dá as “soluções” para conseguir manter a beleza, que vão desde maquiagens e cremes até procedimentos médicos e cirúrgicos. Assim, a mulherada trabalharia só para pagar o que fosse preciso para manter essa busca incessante e irracional pelo dito corpo perfeito.

O pior é que o jornalismo também embarca nessa. Recentemente, uma manchete do portal R7, com o título “Expectativa x realidade! O que acontece quando Fernanda Gentil tira a roupa”, foi altamente criticada nas redes sociais por expor fotos da jornalista esportiva da Rede Globo em uma praia do Rio de Janeiro. A publicação se referiu às características físicas de Fernanda Gentil utilizando palavras como “gordinha”, “bumbum reto” e “imperfeições”.

Só que dessa vez a manchete teve o efeito contrário a tantas outras já publicadas de conteúdo semelhante. A repercussão negativa foi tanta que houve pedido de desculpas à jornalista e as fotos foram retiradas do portal. Mas nem sempre o público repudia o conteúdo. Pelo contrário. Consome conteúdos desse tipo e alimenta o “jornalismo” que escancara a vida de famosos e dissemina preconceitos e falsos valores. As mulheres são as que mais sofrem com essa ditadura da beleza “perfeita”.

Saúde e padrão de beleza

Quantas manchetes enfatizam as celulites da atriz tal, a barriguinha de “Fulaninha” e as gordurinhas a mais de “Sicrana”. Eu disse manchetes! Ou seja, de acordo com o bom jornalismo, para que algo seja manchete é preciso seguir alguns critérios, como ter uma certa importância, ser incomum, surpreendente, exótico ou estranho, influenciar na vida de muita gente e por aí vai.

Seguindo este raciocínio, vamos a algumas questões: o que tem de incomum o fato de uma mulher ter estrias e celulite? É algo surpreendente? Influencia tanto assim na vida de muita gente? É exótico uma mulher ter uma barriguinha? Ou algumas gordurinhas? Jornalismo foi feito para passar informações relevantes, não para reforçar estereótipos e ideais preconceituosas.

Mulheres vivem, simplesmente. Trabalham e têm responsabilidades, tantas ou mais que os homens. Elas engravidam e mudam o corpo. Ah, elas também envelhecem, é verdade. Chega a ser cruel exigir que as mulheres lutem o tempo inteiro contra o envelhecimento e as marcas do cotidiano. Um discurso que acaba gerando uma sociedade de mulheres infelizes e frustradas por não conseguirem o impossível e extremamente caro. Os processos naturais da vida e do tempo não podem ser divulgados como vilões femininos. Ver o jornalismo fazendo isso é realmente repugnante. Incentivar um estilo saudável de alimentação e exercícios físicos é diferente de pregar a magreza custe o que custar. Saúde e padrão de beleza são duas coisas bem diferentes que o jornalismo precisa aprender a distinguir.

■
■
■
■
■
■

Agora voltando a falar sobre o verão, dias atrás vi uma ideia interessante no Facebook. Uma postagem curtinha que combate esse discurso de padrão de beleza. O texto dizia assim: “Como ter um corpo de praia. 1. Tenha um corpo. 2. Vá à praia. 3. Divirta-se.” Pronto. Não precisa dizer mais nada. Até porque, no meu verão, machismo não é a minha praia.

Acedido em 15/04/15

http://observatoriodaimpresa.com.br/feitos-desfeitas/_ed835_a_ditadura_do_padrao_beleza/

■
■
■
■
■

Assista ao vídeo antes de redigir:

<http://destrave.cancaonova.com/livres-ou-escravos-da-beleza/>